

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO II



COIMBRA / 1943

Sobre a data da morte de Diogo Cão

¿Morreu Diogo Cão no decurso da sua segunda viagem ou sobreviveu a ela ?

E bem sabido que os historiadores dos descobrimentos não têm respondido de modo uniforme a esta pergunta, e que a diversidade de opiniões repousa sobretudo na diferença de interpretação duma legenda latina que a carta de Henricus Martellus, de 1489, apresenta junto à costa africana, assinalando a meta extrema atingida naquela viagem. Essa legenda é a seguinte:

«ad hunc usquemontem qui vocatur niger pervenit classis secudi regis portugalie cujus classis prefectus erat diegus canus qui in memoriam rei erexit colunam marmorea cum crucis in signe et ultra processit usque ad Serram Pardam que distat ab mote nigro mille miliaria et hic moritur».

O texto nenhuma dificuldade apresenta, salvo a expressão *hic moritur*, ou antes, o simples verbo *moritur*, cujo sentido é fundamental para a tradução. E até em face de uma das duas hipóteses que podem estabelecer-se para a tradução dessa palavra, que tem sido afirmada a morte de Diogo Cão, como ocorrida na segunda viagem e no local designado pela nota de Martellus.

Analisemos a primeira hipótese : ¹

1) .. *et hic moritur* = e aqui morreu (Diogo Cão).

Há aqui, a meu ver, e não considerando *moritur* como um presente histórico, duas incorrecções : a primeira que consiste em traduzir *moritur* por « morreu » e a segunda em lhe atribuir como sujeito *diegus canus*.

Com efeito, até à oração relativa explicativa que se segue a Serram Pardam, todos os verbos estão empregados no pretérito e têm como sujeito *diegus canus*:

diegus canus... erat... erexit... processit; ao passo que a oração relativa tem já, como predicado, um presente — *distat* — a que se liga, por coordenação, outro presente— ... *et moritur*, ambos logicamente com o mesmo sujeito — *quae* (Serra Parda).

Por outro lado, o verbo *morior*, que tem o sentido geral de «amorrer», «acabar», e é usado metaforicamente em acepções como «perecer», «cessar», «extinguir-se», «perder a força», etc. (*), possui também o sentido de ordem geográfica, «terminar», «ser limitado» (*).

2) Todavia, ainda dentro do espírito do Latim, *moritur* pode traduzir-se por «morreu», desde que se considere como um presente histórico. E sabido que este tempo, «uma forma mais viva do aoristo», serve para «pôr diante dos olhos, apresentar como passando-se no próprio momento, um facto passado» (3). E freqüente,

(*) Ver o «Dictionnaire de la Langue Latine» por Guill. Freund s. v.

(?) Ver os dicionários latinos de Forcelini, Goelzer, Quicherat.

O seguinte passo de Manílio, poeta-astrónomo da época de Augusto, apresenta o emprego de *inorior* com o sentido de «acabar» em referencia a lugar e em circunstâncias idênticas às do texto de Martellus:

Donec in Aegyptum redeant curvata per undas
Littora, Niliacis iterum *morientia* ripis

(Astronomicon, 1. iv, vv. 624,5).

O «Magnum Lexicón» de Forcelini apresenta, além deste, um outro exemplo de Petrónio *Satir.*, cap. cxxn, vv. 132-3, em que o verbo *morior* se encontra aplicado a um acidente geográfico com o sentido de acabar, morrer. São os versos:

..... nec vaga passim
Flumina per notas ibant *morientia* ripas

que Alfred Ernout, tradutor da edição das «Belles Lettres», verte assim em francês: «... et les fleuves s'en allant mourir à l'aventure ne coulaient plus entre leurs rives familières».

Dir-se-á que êstes textos são poéticos, e a nota de Martellus está em prosa. Em todo o caso, como a construção do período, embora correcta, também não é clássica, não é de admirar que o sentido de uma das palavras seja figurado e mais próprio da poesia que da prosa.

Igual sentido possui o grego *reXiuTáw* em emprêgo correspondente. (V. «Dict. Grec-Français»),

(?) Veja-se o que, sobre o emprêgo do presente histórico em César, nos diz Max Ponchont in «Grammaire. Étude sur la langue et le style de César» §§ 263, 276, 366, inserta no volume «César. Oeuvres choisies».

São de Ponchont as palavras: «Le présent historique est constant dans

em escritores latinos, na descrição de cenas animadas e principalmente em seguida ao perfeito⁽⁴⁾.

E, porém, mais conforme com a toada frouxa e pouco clássica do texto, e principalmente muito mais lógico, supor que *moritur* ligado a *distat* tenha valor de presente e igual sujeito, do que considerá-lo um pretérito e dar-lhe o sujeito dos pretéritos anteriores.

Em conclusão *hic moritur* significa, em boa lógica interpretativa e salvo melhor opinião, «aqui acaba» (a Serra Parda) e não «aqui morreu» (Diogo Cão).

Um texto como este não permite, a meu ver, que se afirme a morte de Diogo Cão nas paragens da Serra Parda.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

Significado político do Tratado de Tui de 1137

O acordo realizado em Tui a 4 de Julho de 1137 entre o imperador Afonso VI e o infante português Afonso Henriques⁽⁴⁾ tem sido geralmente considerado como extremamente desvantajoso para o nosso príncipe que, premido por circunstâncias adversas

la narration de César; c'est une forme plus vive de l'aoriste: il met comme devant les yeux et présente comme se passant au moment meme, un fait passé».

(4) Todavia, apesar de aqui termos também um presente depois de uma série de perfeitos, a frase está tão longe do vigor da construção cesariana que erro fora querer aplicar-lhe os princípios desta. Aliás, o presente histórico que fecha uma sucessão de perfeitos pertence, em César, nos casos por mim observados, a um verbo de significação activa e tem um valor estilístico de carácter pictural que não é possível encontrar em *moritur*.

(!) Publicou-o, pela primeira vez, Escalona, na *Historia del Real Monasterio de Sahagún*, pág. 528, n.º 161, sob o título *Tratado de paj entre el Emperador, y el Infante de Portugal*, de um pergaminho, que diz ser cópia coeva, existente no cartório do Mosteiro, e que parece ter-se extraviado.

Em 1885 foi de novo publicado por Gama Barros, na sua *Historia da*